



Corpo e identidade: A dança na Comunidade Quilombola São Judas Tadeu no município de Bujaru/PA.

Marcelo Ferreira Furtado - UEPA
Rubens Cláudio Oliveira Sousa – UEPA

RESUMO

A presente pesquisa procura responder a seguinte questão: O que motivou o desaparecimento de algumas danças que faziam parte da identidade corporal da comunidade quilombola São Judas, no município de Bujaru/PA, segundo os moradores mais antigos? Tem como objetivo geral: Compreender os motivos que levaram a extinção de danças que faziam parte da identidade corporal dos quilombolas de São Judas Tadeu no município de Bujaru/PA segundo seus moradores mais antigos. E como objetivos específicos: Identificar as danças que faziam parte da identidade corporal da comunidade quilombola de São Judas; Descrever como eram as danças praticadas na comunidade de São Judas em Bujaru/PA; e Analisar os motivos que levaram a extinção dessas danças. Para tanto, será realizado um estudo explicativo, com enfoque compreensivo, abordagem qualitativa e pesquisa de campo, utilizando-se de entrevistas semi-estruturadas com dez idosos da referida comunidade. A análise dos resultados se dará por meio da análise de conteúdo.

Palavras-chaves: Dança. Educação Física. Comunidade Quilombola.

ABSTRACT

This research seeks to answer the following question: What motivated disappearance of some dances that were part of the identity of the community body quilombola St. Jude, in the municipality of Bujaru / PA, according to older residents? Its general objective: Understand the reasons that led to the extinction of dances that were part of the identity of the body Maroons of St. Jude in the municipality of Bujaru / PA according to its older residents. And the following objectives: Identify the dances that were part of the identity of the body maroon community of St. Jude; Describe how the dances were practiced in the community of St. Jude in Bujaru / PA, and analyze the reasons that led to the extinction of these dances. Thus, we conducted a study explanatory, with comprehensive focus, approach and qualitative field





research, using semi-structured interviews with ten elders of that community. The analysis will be performed by means of analysis of content.

Keywords: Dance. Physical Education. Community Quilombola.

1-INTRODUÇÃO

1.1- Tema em estudo

As danças de origem africana estiveram presentes na vida cotidiana dos negros trazidos da África desde sua chegada ao Brasil por volta de 1500, tendo grandes significados na construção da sociedade brasileira. As comunidades quilombolas onde estão concentradas grandes riquezas culturais se originaram de homens e mulheres que se refugiaram do modelo de trabalho implantado no Brasil colônia, que conhecemos como escravidão.

Nas comunidades espalhadas por todo Brasil, a sabedoria passada de geração para geração, se faz presente na culinária, nas próprias manifestações culturais, nas fábulas contadas pelos mais velhos, na maneira de se comportar diante de uma situação, na forma de garantir o sustento da família entre outros. Geralmente, nas comunidades quilombolas, os pais e avós têm uma grande preocupação em repassar seus conhecimentos para as gerações mais novas como forma de manter viva a sabedoria típica do povo Africano.

As danças de origem Afro existentes em muitas comunidades quilombolas são ritmos que valorizam a descendência negra, praticadas desde a época de senzalas. Dentre essas danças citamos o Tambor de Crioula, o Carimbó de roda, Lundu-de-pares, Samba de roda, Batuque de fileira, Jongu de roda, o Samba de cassete, entre outras.

Percebemos que a evolução das tecnologias, como a mídia, vem modificando o modo de vida das pessoas que moram nessas comunidades e a cultura que faz parte da nossa história aos poucos está se perdendo por aderirem ao modelo de vida de outros grupos sociais, como o modo de se divertir, conversar, trabalhar, cozinhar etc., que não condiz com a história do povo que sempre lutou por seus direitos, mesmo que muitas vezes sejam negados. Mas é uma





realidade que comove a todos que sabem da importância dos costumes negros, principalmente quando se trata de danças para com a história do nosso país.

Com base a essa problemática identificada que é a perda de alguns costumes incluindo as danças, o presente projeto de pesquisa será desenvolvido na comunidade quilombola de São Judas Tadeu, no município de Bujaru/PA, a fim de compreender os motivos que levaram a extinção de algumas danças que eram praticadas por moradores dessa comunidade que hoje já se encontram idosos e outros já faleceram. O tema em estudo será fundamentado com base aos autores: Marline Dorneles Lima, Rosirene Campelo Santos e Renato Gonçalves Rodrigues (2011); Demian Moreira Reis (2012); Cleber Dias (2011); Dionísio Bellé de Freitas, Jasson de Miranda Silva e Édina Ferreira de Freitas Galvão (2009); Ana Felisa Hurtado Guerrero (2007); Caio Prado Junior (2004); Vicente Sales(2004); Eurides Funes (1996) entre outros.

Assim, a pesquisa será de campo, com o tipo de estudo explicativo dentro do enfoque fenomenológico. Almejamos beneficiar a própria comunidade no sentido de resgatar essas danças de origem afro-brasileira ou de preservá-las na memória daqueles que moram na comunidade.

1.2- Justificativa:

A sociedade vive em constante transformação, o que acaba modificando de forma significativa o modo de vida e a cultura de comunidades que a compõem. Nesse sentido, percebemos que as manifestações culturais de origem Afro- brasileira vêm perdendo sua originalidade, sendo até mesmo extintas das comunidades quilombolas, o que se torna preocupante pelo motivos dessas serem historicamente fundamentais para a sociedade negra de todo país.

Tendo um enfoque maior para as danças de origem afro-brasileira que estão no cenário cultural brasileiro como identidade corporal nas comunidades remanescentes de quilombolas,





percebemos que na comunidade São Judas Tadeu, localizada a trinta e sete quilômetros do município de Bujaru/PA, algumas danças que eram praticadas por seus moradores e que hoje já se encontram idosos, foram se perdendo com o passar do tempo, estando apenas na memória daqueles que um dia dançaram.

Não se pode negar que a mídia vem sendo um dos principais aspectos que estão contribuindo para essa perda de costumes, de forma que as pessoas que moram nessas comunidades quilombolas passam a ser incentivadas a vivenciarem outras culturas.

A preocupação em desenvolver a pesquisa é pelo motivo de que, as danças de origem Afro-brasileira, e que fazem parte de nossas origens, estão sendo extintas, uma vez que os moradores mais idosos estão morrendo e os mais novos não estão valorizando essa cultura, talvez por não saberem da importância que essas danças têm no cenário nacional.

As pessoas mais idosas residentes no município de Bujaru comentam que em décadas passadas, a comunidade de São Judas Tadeu era reconhecida no município e regiões vizinhas por suas danças, e que não sabem o porquê dessas danças desaparecerem.

Nesse sentido, Lima, Santos e Rodrigues (2011, p. 121) fazem referência com base a uma pesquisa numa comunidade de quilombolas de Goiás sobre as manifestações culturais como as festas, os bailes e as danças, onde foram vivenciados alguns relatos de moradores em que falavam da saudade que sentem das festas de antigamente.

Percebemos o sentimento de saudade no momento em que as recordações de um tempo em que os corpos que trabalhavam também brincavam, dançavam com simplicidade sem outra pretensão a comemoração e/ou devoção, crença e divertimento numa dinâmica sincrética que atualmente até existe, mais com outros elementos presentes como, por exemplo, a violência (brigas) nos bailes, a presença do som mecânico, os ritmos novos de músicas como o funk, o rep, entre outros.

Para Burk (2008), a cultura dos quilombolas não pode ser vista como uma ilha isolada do restante da sociedade, por isso está sujeita a transformações. As suas manifestações são como áreas de construção, sempre sendo construídas e reconstruídas.





Sobre esse possível resgate de manifestações que fazem parte da identidade cultural das comunidades quilombolas que aos poucos foram sendo modificadas por influências transmitidas pela mídia e até mesmo como forma de valorizar essa cultura, Dias (2011, p.107) fala sobre o trabalho desenvolvido pela companhia de dança *Kundun Balê* no estado do Paraná, que tenta ser a solução para a ausência da “cultura negra”.

Com esse propósito, o *Kundun Balê* promove oficinas e realiza espetáculos que mesclam elementos musicais, teatrais e coreógrafos com representações de rituais afro-brasileiros. O espetáculo “Acorda Raça”, por exemplo, encenado pelo grupo durante a 1ª Mostra de Danças Folclóricas e Etnias da Universidade Estadual de Maringá, é uma das iniciativas nesse sentido. O espetáculo de acordo com a descrição, “tem início com ritual que semeia axé”. Na sequência, Senhores da floresta eram evocados, traçando-se uma analogia com elementos do folclore brasileiro, com o Saci-Pererê, o caipora e o boitatá. Em seguida, Rituais da Sexta-Feira Santa eram representados.

Como forma de valorizar as manifestações culturais originadas na África e até uma maneira combater o preconceito e discriminação de raça existentes na sociedade brasileira, no dia 09/01/2003 (nove de janeiro de dois mil e três), o então presidente da república Luiz Inácio Lula da Silva, decretou a lei 10.639/03, tornando obrigatório o ensino da história da cultura afro-brasileira e africana nas escolas públicas no ensino fundamental e médio, além de estabelecimentos de ensino particulares e oficiais. A lei tem como objetivo valorizar a cultura de origem africana que forma a diversidade cultural do nosso país, atentando para o trabalho contra o preconceito que ainda existe até os dias atuais no meio social, da mesma forma como o trabalho contra a discriminação racial.

Art. 26-A. Nos estabelecimentos de ensino fundamental e médio, oficiais e particulares, torna-se obrigatório o ensino sobre história e cultura Afro-brasileira.

Art. 79-B. O calendário escolar incluirá o dia 20 de novembro como o dia da consciência negra. (BRASIL, 2003, p.01)

Para Souza e Souza (2008), a construção de um mundo mais justo passa pela escola, e a tarefa de todos e de todas é oferecer ao aluno uma educação que represente e reconheça as diferenças, a diversidade e a pluralidade étnico-racial como forma concreta de construir um espaço de combate ao racismo, ao preconceito e de qualquer forma de discriminação. Ainda falando da construção de um mundo melhor, Ribeiro et al (2008, p.16), destacam que





Conceber uma educação anti-racista é portanto o único caminho capaz de construir o sentimento de pertença, ao mesmo tempo em que descortina perspectivas de uma educação de qualidade, imprime a escola valores e práticas da cosmovisão africana em que a ética, a emoção e a efetividade formam o tripé que sustenta o equilíbrio social e possibilita a edificação da cidadania.

Com intuito de valorizar as manifestações de origem Afro-brasileira e analisar os fatores que impulsionaram a extinção de danças que deixaram de ser praticadas na comunidade de São Judas Tadeu no município de Bujaru/PA segundo a opinião de alguns moradores mais idosos da comunidade é que o projeto de pesquisa será desenvolvido. No entanto, cabe ressaltar que este projeto visará estudar o fenômeno ocorrido despertando aos moradores local e ao restante da sociedade a importância de se preservar as danças de origem afro-descendente bem como subsidiar pesquisadores dessa linha de pesquisa.

1.3- Formulação da Situação Problema

A cultura de origem afro-brasileira, mantida principalmente nas comunidades quilombolas de todo Brasil, aos poucos vem se perdendo devido a fortes influências que modificam o modo de vida das pessoas que habitam essas comunidades e até mesmo a falta de conhecimento dos próprios moradores quilombolas sobre a importância de se preservar as manifestações culturais típicas do povo negro, deixando de compartilhar costumes culturais, sociais e até mesmo econômicos com as gerações novas que não conhecem de fato a importância que tem de se manter viva a cultura trazida da África.

Partindo desse princípio, percebemos que a comunidade quilombola de São Judas Tadeu, no município de Bujaru/PA, deixou de ser uma referência no cenário cultural do município devido à extinção de algumas danças que faziam parte da vivência desse povo e que aos poucos foram sumindo, restando apenas nas lembranças de alguns moradores mais antigos do lugar.

Acreditamos que vários fatores contribuíram para essa perda de identidade, começando pela mídia, que é um meio tecnológico com extremo poder de modificar tanto a





realidade de um povo quanto o pensamento do indivíduo, tratando-se de valores morais, sociais entre outros, bem como a descoberta de nova experiência principalmente por parte dos moradores mais novos ao conviverem com outras realidades.

Partindo-nos do quadro problemático apresentado, a presente pesquisa procura responder a seguinte questão: O que motivou o desaparecimento de algumas danças que faziam parte da identidade corporal da comunidade quilombola São Judas, no município de Bujaru/PA, segundo os moradores mais antigos?

1.4-Objetivos

1.4.1- Geral

- Compreender os motivos que levaram a extinção de danças que faziam parte da identidade corporal dos quilombolas de São Judas Tadeu no município de Bujaru/PA segundo seus moradores mais antigos.

1.4.2- Específicos

- Identificar as danças que fazem parte da identidade corporal da comunidade quilombola de São Judas.
- Descrever como eram as danças praticadas na comunidade de São Judas em Bujaru/PA.
- Analisar os motivos que levaram a extinção dessas danças.





2- MARCO TEÓRICO

2.1- A chegada dos negros em terras paraenses e suas manifestações culturais

Antes de abriremos a discussão sobre a chegada dos negros em terras paraenses, faz-se necessário um breve comentário sobre como se deu o processo de escravidão.

Góes (2008), comenta que por quase quatro séculos, o sucesso do modelo de sociedade implantada no Brasil dependeu da escravização de grande parte da força do trabalho e que no século XVI, prevaleceu a escravidão dos indígenas. Nesse século, já existiam africanos em terras brasileiras, mas em pequeno número como relata Góes (2008 p. não identificada).

Escravos africanos, ainda em pequeno número, já viviam no Brasil em meado do século XVI. Em 1539, Duarte Coelho donatário de Pernambuco, solicitou isenção do imposto que devia pagar pela importação de peças africanas. A combinação açúcar, mão de obra escrava africana e grandes lucros já era conhecida desde o século anterior, quando foi testada nas ilhas atlânticas, sobretudo na madeira. o tráfico de transatlântico de pessoas logo se tornaria um dos mais lucrativos ramos do comércio colonial. Estima-se que cerca de dez milhões de africanos chegaram vivos na América durante o tempo em que o tráfico transatlântico fez circular os navios negreiros. Destes 10 milhões de indivíduos, cerca de 3.600.000 foram trazidos para o Brasil. Pelas estimativas mais recentes, 50 mil até 1600, 560 mil no século XVII, 1.891.000 no século XVIII e 1.145.000 no século XIX.

Como podemos constatar, o processo de escravidão se deu por vários séculos no Brasil, no entanto, a transição do trabalho escravo para o trabalho livre aconteceu de forma demorada como relata Cardoso (2008 p. não identificada).

Uma importante consequência da identificação de diferentes regimes de escravidão foi a constatação de que já a partir do século XVIII o trabalho escravo conviveu com diversos regimes de trabalho não-escravistas. Isso quer dizer que a transição para o trabalho livre (ou não-escravo) foi muito lenta, tendo um marco apenas convencional em 1850, ano da proibição do tráfico negreiro. Homens livres ou libertos se avolumaram ao longo dos séculos, obtendo meios de vida cujas formas perderam cada vez mais o cariz intersticial que lhes atribuiu a literatura até meados dos anos 1980.

Sobre a chegada dos negros em terras paraense, Salles (2004) afirma que, devido o território amazônico ser de grande extensão, os portugueses passaram a agir desenvolvendo as atividades agrárias na região de Belém, e aos poucos o trabalho se expandia para uma área localizada ao leste da Amazônia, que era uma área considerada pequena e cortada por muitos





igarapés. Essas atividades agrárias foram se estendendo até chegar ao litoral atlântico, destacando os pequenos rios que desaguavam nessas proximidades, tais como os rios Guamá, Capim e Acará. Além desses territórios, o autor relata que a atividade agrária foi se estendendo até chegar ao Baixo Tocantins, a ilha de Joanes e várias pequenas ilhas localizadas nas redondezas. O trabalho acontecia em um esforço permanente para que fosse ocupada toda região do rio Guamá. A introdução do negro na Amazônia se deu pela política de fomento a produção de gêneros exportáveis, principalmente o açúcar. “O negro quer dizer, sobretudo açúcar, algodão, ouro, gêneros que se exportam” (PRADO JUNIOR, 1961, p 118).

Funes (1996) relata que esse processo de colonização na região amazônica ocorreu de forma diferente de outras regiões brasileiras no sentido da utilização de mão-de-obra escrava. Todo esse processo aconteceu em menor escala tendo em vista que a produção agrícola não tinha tanta importância nessa região devido as dificuldades que o ecossistema local proporcionava. Por esse motivo, as atividades exercidas pelos cativos se concentravam nas lavouras de cacau, criação de gado e nos trabalhos domésticos.

Para Sales (2004) e Prado Junior (2004), a chegada dos negros no Pará significava uma grande fonte de renda para os portugueses, e com isso a região paraense começava a ser povoada em diversos lugares de acordo com a extensão das atividades agrárias,

Segundo Funes (1996), os negros que viviam em regime de escravidão na região amazônica em nenhum momento deixaram de demonstrar o desejo de liberdade, mas procuravam maneiras de se adaptarem a biodiversidade amazônica, construindo aos poucos maneiras de resistirem a vida escrava que levavam. No quilombo, os negros extraíam seu sustento da própria mata, pescando, caçando e trabalhando na lavoura com pequenas roças.

Ao falar das manifestações culturais como herança dos negros trazidos da África, SALES (2004, p.18) destaca que

Não se pode considerar desprezível a contribuição cultural africana na Amazônia. Essas manifestações se manifestam nos folguedos populares, na culinária no vocabulário, enfim nos vários aspectos do folclore regional. Todavia não se pode testemunhar a sobrevivência de um culto puramente africano, pelo menos no estado





do Pará, onde a incorporação de elementos católicos e dos chamados “encantos” indígenas gerou um batuque extremamente sincretizado, modernizado com influência do Candomblé baiano e da umbanda do Rio de Janeiro. No Maranhão onde a presença africana foi numericamente mais considerável, permaneceu o culto solidamente estruturado, o vodu mantido pelas famosas Casas de Minas. O Vodu com a denominação local modificada para vudum e Vundence, Expandiu-se naturalmente até a Amazônia.

As primeiras manifestações de samba existentes no Pará apareceram de forma insólita, nos artigos de posturas municipais e nas gazetilhas dos jornais, como sendo uma manifestação extremamente perturbadora que acabava tirando o sossego público. A partir daí, tanto o samba como o carimbó, o batuque e outras expressões que faziam parte da lúdica popular, passaram a ser enquadrados de forma que não poderiam ser praticados em disposições proibitivas na legislação paraense, como a lei nº 1028, de 5 de maio de 1880, do “código de posturas de Belém” (Idem). Essas danças foram proibidas, ainda segundo Salles (2004, p. 216), pelo motivo de que para o legislador da época, o samba não se diferenciava de batuque. E como era um ritmo de preferência dos negros escravos e da população mais humilde, perturbava o sossego público.

Com base a pesquisa feita em comunidades quilombolas de Santarém /PA, Freitas, Silva, Galvão (2009), comentam que a maioria das festas realizadas no mocambo possui um vínculo entre o religioso e o profano. A festa de Nossa Senhora do Livramento, padroeira da comunidade quilombola Saracura, é exemplo marcante dessa presença. Nesse contexto, Funes (1996) diz que geralmente após as festas, sendo elas religiosas ou não, ocorridas nos mocambos localizados no Baixo Amazonas, as moças e mulheres passavam o equivalente a nove meses incomodadas com algo em seu corpo, mas depois de nove meses, surgia ou era ampliada uma nova família.

Como podemos perceber, a cultura de origem afro-brasileira é rica por suas histórias desde a chegada dos negros no Brasil, e vem sobrevivendo tendo que ultrapassar muitas barreiras, sendo até mesmo proibida em época passadas, como as danças. Hoje não as mesmas se encontram proibidas, em contrapartida, corre um sério risco de extinção nas comunidades quilombolas paraense e de todo Brasil e as tradições desses povos, aos poucos





vem se perdendo, talvez porque os próprios moradores dessas comunidades não têm conhecimento da importância que tem essas manifestações para a cultura brasileira. .

2.2- Comunidades Quilombolas e os contratos Sociais

Em muitas comunidades quilombolas onde moram famílias que têm como origem o povo negro trazido da África para o Brasil na primeira metade do século XIX, em que ocorreu o que conhecemos pela história do nosso país como tráfico de negros pelos portugueses através de navios negreiros para serem escravizados em terras brasileiras, existem conhecimentos que vem passando de geração para geração no que diz respeito a forma de como conseguir o sustento da família, de fazer remédios com plantas medicinais, maneira de relacionamento entre famílias, forma de plantar e colher alimentos diferenciados bem como as manifestações culturais que tornam viva a cultura africana como é o caso das danças existentes em muitas dessas comunidades. No entanto, esses moradores vêm passando grandes dificuldades, no que se refere a atuação de políticas públicas que venham favorecer uma vida digna para um povo que traz heranças dos negros escravizados e que foram fundamentais na construção da sociedade brasileira.

Em pesquisa feita em comunidades quilombolas de Santarém/PA, Freitas, Silva e Galvão (2009, p. 93), relatam as condições em que vivem os moradores da Comunidade Saracura:

As casas são de madeira, suspensas em palafitas, não existe rede de saneamento básico – água e esgoto. A água retirada do rio amazonas para o consumo é filtrada, porém o asseio é realizado no rio, sujeitando os comunitários aos riscos com animais peçonhentos; é comum o ferimento provocado por ferradas de arraia. O rio serve como escoadouro, onde são despejados as águas servidas e objetos das casas. Os sanitários suspensos em palafitas, distante das casas, possuem estrutura rústica e ineficaz para a região, uma vez que, no período da cheia, as águas do rio entram em contato com as fezes proliferando e disseminando doenças, principalmente nas crianças que se divertem na água.

Mesmo que na Amazônia já existam organizações que lutam pelos direitos dos povos que residem nas comunidades remanescentes de quilombolas como, por





exemplo, a Malungo, diversas situações que comprometem sua moradia vêm acontecendo nessa região, como grande extensão de terras que pertencem a fazendeiros que de alguma forma vem prejudicar a agricultura familiar, como comentam Freitas, Silva e Galvão (2009, p.94):

A extinção da agricultura familiar se deu em decorrência de inúmeros fatores, dentre eles estão as grandes áreas territoriais pertencentes a fazendeiros, a dificuldade do plantio em virtude das mudanças abruptas no ambiente (Período de cheia e vazante) e a não titulação das terras do quilombo.

Para Guerrero (2007), o que vem acontecendo nessas comunidades no que diz respeito a essas mudanças no ambiente, contribuiu diretamente para a escassez do alimento desse povo, ocasionando um alto índice de desnutrição infantil e doenças.

Nesse contexto, Reis e Gomes (1996) comentam que as comunidades remanescentes de quilombolas existentes no Baixo Amazonas já viveram tempos melhores, diferente de hoje que acabam passando fome. Na entrevista feita na comunidade de Saracura por Freitas, Silva e Galvão (2009, p.94), essa afirmação é comprovada por dona mocinha, quando diz: “aqui no saracura tem muita fome, antigamente tinha roça”.

A titulação de terras pertencentes a comunidades quilombolas não deixa de ser uma forma de amenizar as dificuldades enfrentadas por esse povo, pois garante terrenos permitindo o plantio e a colheita de alimentos como feijão, arroz, milho, macaxeira entre outros. Falcão, Inácio e Vieira (2011) comentam que o processo de titulação das terras ocupadas por comunidades quilombolas vem acontecendo de forma muito lenta, o que acaba ameaçando de alguma forma a permanência dos quilombolas nessas áreas.

Neste sentido, o Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada - IPEA (2011, p. 249) afirma que esse processo de titulação realizado pelo Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA), não vem acompanhando a evolução do reconhecimento oficial da comunidade quilombola, estando na responsabilidade da Fundação cultural Palmares (FCP).

O processo de titulação realizado pelo INCRA/MDA não tem acompanhado a evolução do reconhecimento oficial da condição da comunidade quilombola, sob responsabilidade da FCP. A fundação emitiu até 2008, 1.093 certidões de registros





no cadastro geral de comunidades de quilombos (FCP, 2010). A emissão desta certidão é o primeiro passo para a regularização dos territórios, cujo a titulação está a cargo do INCRA, sem prejuízo da competência concorrentes dos demais antes federativos. Centenas dessas comunidades já estão com processo de em curso, mas enfrentam uma série de entraves para sua conclusão. Esse processo foi agravado pela socialização de novos procedimentos adotados pelo INCRA para a identificação de territórios quilombolas, por meio da instrução normativa nº 49/2008. A nova instrução torna o processo de titulação mais amoroso, ao exigir novos detalhamentos no relatório antropológico. Como consequência segundo dados do INCRA(2010), 25 em 2008, foram expedidos 16 títulos a comunidades Quilombolas, no Pará, Piauí e Maranhão. Já no primeiro semestre de 2011, nenhuma comunidade foi titulada.

Falcão, Inácio e Vieira (2011, p. 43) destacam que os quilombolas enfrentam outros problemas e dificuldades que acabam de alguma forma impedindo de assumir sua condição de cidadão na sociedade.

Ademais desses vários entraves e obstáculos de ordem política, os quilombolas enfrentam cotidianamente outros problemas e dificuldades que os impedem de assumir integralmente sua condição de cidadão. Entre eles, a diminuição constante de recursos naturais(água pescado frutos), relacionados à restrição de seus territórios que vão sendo invadidos; a contaminação dos mananciais hídricos por agrotóxicos e insumo agrícolas de propriedades vizinhas; as distancias e tempos para

É verdade que os contrastes sociais se fazem presentes em diversos grupos que compõem a sociedade do nosso país, mas não se pode negar que nos grupos concentrados mais distantes das cidades, como é o caso de muitas comunidades quilombolas e até mesmo comunidades indígenas, a educação de qualidade a qual todos nós temos direito, o saneamento básico, a acessibilidade quando se trata de transporte entre outros, não acontecem da forma como as comunidades precisam, talvez pelo próprio distanciamento ou por falta de políticas que ofereçam os direitos cabíveis a todos que compõem a sociedade.

2.3- As danças nas comunidades quilombolas e suas proibições em décadas passadas

Nas festinhas que acontecem nas comunidades quilombolas, geralmente de santos padroeiros desses povos por ainda prevalecer nessas comunidades o catolicismo, religião imposta à população negra na colonização do Brasil, as pessoas festejam com alegria os rituais através de danças herdadas de gerações passadas.





Segundo Lima, Santos e Rodrigues (2011), durante as danças nas comunidades quilombolas, os corpos se juntam e vêm festejar com alegria o prazer pela dança, onde o neto dança com a avó, os casais reafirmam sua união, filhas dançam com suas mães e dessa forma todos confraternizam suas emoções em passos de forró e outros ritmos. Ainda no tempo da escravidão, os negros faziam festas no final da tarde para agradecerem pela boa colheita, a lavoura do dia, entre outros motivos, mesmo estando bastante cansados.

Nesse sentido, convém afirmar que as danças praticadas nas comunidades quilombolas sempre foram uma forma de expressar algo com um grande significado para o povo negro. Mas nem sempre foram praticadas livremente, exatamente por expressarem sentimentos.

Como exemplo, temos o *Maracatu que*, segundo Silva (2004), é uma dança que se encontra documentada desde 1674 em Recife/PE, tendo sua origem nos préstitos da coroação dos reis e rainhas negras, que por sua vez, existiam desde o século XVI no Brasil.

Reis (2012) relata que, durante o governo de José Cesar de Menezes (1774-1788), o maracatu e outros bailes e batuques que tinham a organização dos negros, passaram a sofrer censuras e até intervenção policial. Seu festejo nas ocasiões em que os negros embarcavam de volta a África, mostra que a ideia de pátria dos pretos oscilava entre o Brasil e a África.

Outra dança que também foi proibida de ser praticada no Brasil foi a *Dança do Quilombo*, sendo originada em Alagoas e fundada no ano de 1939 na cidade de Marechal Deodoro. Suas apresentações estão voltadas para duas guerrilhas: uma sendo pelos índios e a outra sendo pelos aquilombados.

De um modo em geral, os quilombos, encenam uma luta entre índios e negros que termina com a derrota e a escravização dos negros. Os negros roubam objetos e alimentos levando-os para seus mocambos, feitos de palha de palmeiras, onde os roubos são consumidos coletivamente. Os índios invadem os mocambos e resgatam os pertences roubados e aprisionam a rainha branca dos negros. Essa invasão provoca a guerra entre dois grupos. A luta principal é entre o rei negro e o rei indígena. Os índios fazem dos negros escravos e os vendem para o público que deve pagar uma quantia para cada escravo. Esse dinheiro seria uma maneira de remunerar os dançadores. (REIS, 2012, p. 14)





Essa manifestação (Dança do Quilombo) expressa durante a apresentação a forma como acontecia a escravidão no estado de Alagoas, na primeira metade do século XIX, quando foi proibida sua encenação, por causar um certo desconforto no poder público, pois era visto pela sociedade como imoral e Bárbaro.

Para Reis (2012), a figura do escravo fugindo e se transformando em quilombola é a imagem que condiz com um momento histórico em que ainda existem escravos rebeldes que arriscam com a formação de mocambos, o saque de fazendas, e outras estratégias de lutas terminadas pelas autoridades e pela população branca livre.

Com base nos comentários sobre algumas danças de origem afro-brasileira que um dia já foram proibidas, faz-se necessário dizer que essas danças fazem parte do nosso patrimônio cultural por estarem contidas na história da formação da nossa sociedade, no entanto é necessário que estejamos atentos diante de situação a que venham comprometer nossa história.

2.4- A transformação da identidade histórico-cultural nas comunidades quilombolas brasileira

Para Freitas, Silva, Galvão (2009, 97-99), a perda de identidade nas comunidades quilombolas pelo esquecimento de festas, jogos, danças e brincadeiras tradicionais aconteceu devido à tensão entre cultura dominante, cultura de massa e cultura popular.

A tensão entre cultura dominante, cultura de massa e cultura popular levou o esquecimento de muitas festas, jogos, danças e brincadeiras tradicionais, que possibilitavam o encontro entre as famílias e o estabelecimento de redes cooperativas via momentos de descontração [...]. Percebemos também um contraste com os valores lúdicos da cultura negra, uma vez que há certo distanciamento das práticas corporais tradicionais dos descendentes afro-brasileiros.

Falando sobre as influências que sofrem as comunidades quilombolas, Lima, Santos e Rodrigues (2011) comentam que em uma entrevista feita em comunidades não quilombolas





mais próximas das cidades no estado de Goiás, os entrevistados comentam que as festas em que aconteciam em suas comunidades e que de alguma forma vinham mostrar certos costumes existentes nas comunidades estão se acabando porque o público mais jovem da comunidade acaba se influenciando pelas manifestações da cidade e de outras comunidades.

Podemos perceber essa dinamicidade cultural, ora sendo influenciada, ora influenciando outra cultura e isso não é diferente com a cultura quilombola, cujos sujeitos, apesar de manter seus costumes e tradições, aos poucos vão aderindo aos artefatos oriundos principalmente dos meios de comunicação e mídia. (LIMA; SANTOS; RODRIGUES, 2011, p. 121).

Freitas, Silva e Galvão (2009, p.99) comentam os motivos dessa perda de identidade com base em uma pesquisa feita na comunidade Quilombola Murumurutuba, no Estado do Pará.

Arriscamos dizer que as manifestações culturais tradicionais de Murumurutuba estão sendo extintas, são danças, jogos, práticas religiosas, brincadeiras, brinquedos, alimentação, medicina caseira, enfim, formas de viver e organizar a vida na comunidade que estão sendo transformadas mediante a produção de novos sentidos e desejos mediados por novas relações interculturais. Percebe-se uma rápida transformação da identidade histórico-cultural dessa comunidade, principalmente depois do advento da energia elétrica, as conversas de roda ficaram escassas e a cultura de massa transmitida pela televisão vem modificando profundamente o modo de vida no mocambo.

Ao falarem da tradição cultural na qual a dança está inserida, Álvares, Borela e Martins (2011, p.89) atentam para o seguinte entendimento:

A tradição não está congelada nem ancorada numa essência; pelo contrário, hibridiza-se com a cultura popular e a globalização. As culturas puras assim como a “aculturação”, são resultados de uma idealização romântica de como deveriam ser. Na prática os grupos transmitiam num universo culturalmente híbrido, com decisões coletivas sobre as escolhas certas ou erradas. Uma política eficaz tem de apoiar-se no saber tradicional, nas pessoas com uma tradição, uma forma de organização tradicional, que se hibridiza com as novas lideranças não tradicionais.

Não se pode negar que se torna impossível não acontecer esse cruzamento entre comunidades, bem como evitar as influências da mídia, mas a realidade vivenciada hoje no aspecto da cultura afro-brasileira seria outra se houvesse uma organização no sentido de preservação vinda dos próprios moradores das comunidades e de todos que se interessa por essas manifestações que fazem parte da construção da nossa sociedade.





3- METODOLOGIA

Este projeto de pesquisa será desenvolvido na comunidade quilombola de São Judas Tadeu no município de Bujaru/PA e está voltado para o enfoque compreensivo ou fenomenológico, pela preocupação que temos em descobrir os motivos que contribuíram para com essa perda de identidade segundo a concepção dos moradores mais antigos do lugar, da mesma forma como salientar a importância que tem a cultura de origem afro-brasileira para nossa sociedade.

3.1-Tipo de estudo, tipo de pesquisa e abordagem.

- ❖ Tipo de estudo: a pesquisa será desenvolvida no tipo de estudo explicativo por ter como preocupação central identificar os fatores que levaram a extinção de algumas danças que faziam parte da identidade corporal da comunidade de São Judas Tadeu. Para Gil(2007), esse tipo de estudo, têm como preocupação identificar fatores que determinam a ocorrência de fenômenos.
- ❖ Tipo de pesquisa: será feita a pesquisa de campo, onde serão entrevistados dez moradores idosos da comunidade. Para Gil (2007), a pesquisa de campo estuda um único grupo ou comunidade em termos de suas características, ressaltando a interação entre elas. Basicamente, a pesquisa é desenvolvida por meio de observação direta das atividades do grupo estudado e em entrevistas com informantes para captar suas explicações e interpretações do que ocorre no grupo.
- ❖ Tipo de abordagem: será qualitativa. Para Gil (2007), nesta abordagem a realidade é considerada complexa e dinâmica. Dessa forma, o pesquisador busca seus significados, interpretando-os a partir de um contexto próprio, avaliando as relações que se dão no mesmo, considerando seu processo evolutivo e buscando a sua intensidade.





3.2- Locus da pesquisa: será na comunidade Quilombola de São Judas Tadeu localizada no espaço rural do município de Bujaru/PA.

3.3 - Técnica de coletas e análise de dados

3.3.1- Coleta de dados:

Faremos entrevistas semi-estruturadas com 10 pessoas idosas da comunidade, que responderão perguntas abertas sobre as danças que faziam parte da comunidade e o que pode ter ocasionado o desaparecimento desse marco cultural, além de fotografias e filmagem de alguns pontos importantes para a comunidade como: Igarapés, campo de futebol, sede onde acontecem festas, casa da associação dos moradores quilombolas, casa de farinha (ritiro) entre outros, quando autorizados pela presidente da comunidade e/ou quando houver algum evento significativo para a pesquisa.

3.3.2- Análise de dados

Para analisarmos os dados coletados faremos análise de conteúdo que, para Bardin (2006), trata-se do pesquisador analisar o que está sendo dito no texto.

3.4- Aspectos Éticos

a) Riscos e benefícios da pesquisa: a pesquisa tem o risco de constrangimento, que será minimizado através do sigilo dos sujeitos, bem como a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, que deverá ser assinado pelos mesmos, após esclarecimentos sobre a pesquisa. Como benefícios, têm-se a valorização da cultura afro-brasileira, bem como das danças praticadas pelos antigos moradores da comunidade São Judas.

b) Aspectos de inclusão e exclusão: serão entrevistados dez moradores da comunidade São Judas, no município de Bujaru/PA, os quais deverão ter idade acima de 55 (cinquenta e cinco) anos, de ambos os sexos, e que tiveram vivências nas danças tradicionais da referida comunidade. Os sujeitos serão selecionados aleatoriamente, conforme seu interesse em





participar da pesquisa. Como critérios de exclusão serão consideradas pessoas com idade inferior a 60 (sessenta) anos e/ou que não tenham conhecimento sobre as danças tradicionais da comunidade.

c) Dados e contatos dos pesquisadores envolvidos:

❖ Pesquisador I:

Nome: Rubens Cláudio Oliveira Sousa

Endereço: Rodovia P/A 140 km: 2 S/N

Cidade: Bujaru/Pará Bairro: Espaço rural. Telefone: 87434090 – 87351420

Email: rubenssousa9@gmail.com ou rubenssousa09@gmail.com

❖ Pesquisador II:

Nome: Marcelo Ferreira Furtado

Endereço: Residencial Carmelândia Rua: Tancredo Neves Quadra :12 Nº: 66

Cidade: Belém/Pará Bairro: Mangueirão Telefone: 88221177

Email: profedfmff@yahoo.com.br

d) Utilização dos dados coletados: Os dados coletados serão utilizados somente para esta pesquisa.

e) Este projeto de pesquisa está pautado na Resolução 196/96-OMS.

f) Termo de consentimento: Os entrevistados serão esclarecidos quanto aos objetivos e procedimentos da pesquisa por meio do termo de consentimento livre e esclarecido (TCLE) (em anexo), que deverá ser assinado pelos mesmos.

4- CRONOGRAMA DE EXECUÇÃO:

Identificação da Etapa	Início (dd/mm/aaaa)	Término (dd/mm/aaaa)





Levantamento Bibliográfico	23/01/2013	10/02/2013
Envio do trabalho ao comitê de ética	23/01/2013	23/01/2013
Coleta de dados	25/03/2013	25/04/2013
Análise dos dados	26/05/2013	26/06/2013
Qualificação do relatório	01/07/2013	01/07/2013
Elaboração do artigo	01/08/2013	29/11/2013
Defesa do TCC	06/01/2014	06/01/2014

5- ORÇAMENTO

Descrição do material	Valor unitário	Quantidade	Total
Notebook	R\$ 1.400,00	01	R\$ 1.400,00
Máquina fotográfica com filmadora	R\$ 400,00	01	R\$ 400,00
Aparelho celular com gravador de voz de longa duração.	R\$ 350,00	01	R\$ 350,00
Caderno para anotações	R\$ 10,00	01	R\$ 10,00
Resma de papel	R\$ 14,00	01	R\$ 14,00
Caneta esferográfica	R\$ 1,00	10	R\$ 10,00





Lápis	R\$ 0,50	05	R\$ 2,50
Gasolina para 5 viagens da cidade para a comunidade quilombola.	R\$ 3,00 L	20 litros	R\$ 60,00
Pendraivy 4 GB	R\$ 16,00	01	R\$ 16,00
Impressora Multifuncional	R\$ 340,00	01	R\$ 340,00
Cartucho para impressora	R\$ 50,00	04	R\$ 200,00j
		Total	R\$ 2.802,50

REFERÊNCIAS

ALVAREZ, Gabriel Omar; BORELA, Henrique Aguiar; MARTINS, Tatiana Renata. Tradição cultural e práticas corporais em comunidades quilombolas de Goiás: Notas para uma política de esporte e lazer. In: SILVA, Ana Márcia; FALCÃO, José Luiz Cerqueira. **Práticas corporais em comunidades quilombolas de Goiás**. Goiânia Ed. da PUC, 2011. p. 32- 44.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. 70ed. (L. de A. Rego & A. Pinheiro, Trans.). Lisboa: 2006.

BRASIL. Lei nº 10.639. de 9 de janeiro de 2003. Disponível em: <[HTTP://www.planalto.gov.br/ccivil-03/leis/2003/L10.639.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil-03/leis/2003/L10.639.htm)>. Acesso em 01de janeiro de 2013.

BURK, Peter. **Hibridismo cultural**. Rio Grande do Sul: Tunisinos, 2008.

CARDOSO, Adalberto. **Escravidão e sociabilidade capitalista**: um ensaio sobre inércis social. Disponível em < WWW.Scielo.br/Scielo.php?script:Sci-artexte & pide:50101-30002008000100006 p. não identificada pdf >. Acesso em 1º de janeiro de 2013.





DIAS, Cleber. Esporte e Lazer em Culturas Tradicionais. In: Silva, Ana Márcia; FALCÃO, José Luiz Cerqueira (Orgs.). **Práticas Corporais em Comunidades Quilombolas de Goiás**. Goiânia: Ed. Da PUC Goiás, 2011. p.93-115.

FALCÃO, José Luiz; INÁCIO, Humberto Luís de Deus; VIEIRA, Luiz Renato. De quilombos e quilombola: Aspectos legais e debate legislativo. In: SILVA, Ana Márcia; FALCÃO, José Luiz Cerqueira. **Práticas corporais em comunidades quilombolas de Goiás**. Goiânia: Ed. da PUC, 2011. p. 32- 44.

FREITAS, Dionísio Bellé de; SILVA, Jasson de Miranda; GALVÃO, Edna Ferreira Coelho. A relação do lazer com a saúde nas comunidades quilombolas de Santarém. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte, Campinas**, v.30, n.2, p. 27-99, jan 2009 / GIL, Marco Antonio F. da; COSTA, Maria de Fátima Barroso da. Projeto de pesquisa: entenda e faça. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

FUNES, Eurides. A. “Nasci nas matas, nunca tive senhor” – História e memória dos mocambos do Baixo Amazonas. In: REIS, J.R. GOMES, F.G. Liberdade por um fio: **História dos quilombos no Brasil**. São Paulo: Cia de Letras, 1996.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4ed. São Paulo: Atlas, 2007.

GÓES, José Roberto Pinto de. **Escravidão**. Disponível em: <[bdigital.bn.br/ rede memoeia/escravidao.html](http://bdigital.bn.br/rede-memoeia/escravidao.html) p. não identificada pdf>. Acesso em: 1º de janeiro de 2013.

GUERRERO, Ana Felisa Hurtado et al . Mortalidade infantil em remanescentes de quilombos do Município de Santarém - Pará, Brasil. **Saúde soc.**, São Paulo, v. 16, n.2, (p.105-107), aug. 2007.

IPEA. **Políticas sociais: acompanhamento e análise**. Brasília: Ipea, n.º18, 2011.

LIMA, Marlini Dorneles; SANTOS, Rosirene Campelo; RODRIGUES, Renato Gonçalves. As festas, os bailes e as danças: em cena as manifestações da cultura quilombola de Goiás. In: SILVA, Ana Márcia; FALCÃO, José Luiz Cerqueira. **Práticas Corporais em Comunidades Quilombolas de Goiás**. Goiânia: Ed. Da Puc, 2011. p.117-133.

PRADO JNIOR, Caio. **História econômica do Brasil**. 5 ed. São Paulo: Brasiliense, 1959.

REIS, Demian Moreira. **Dança do quilombo: O significado de uma tradição**. Disponível em: <www-afroasia.ufba.br/pdf/afroasia-n17-p159.pdf>. Acesso em: 25. jam.2012.

REIS, J.J.; GOMES,F. dos S. Introdução- Uma História da liberdade. In: REIS, J. R.: GOMES,F.G. **Liberdade por Um fio: história dos quilombos no Brasi**. São Paulo: Cia de Letras, 1996.





RIBEIRO, Sebastião Teixeira (org.). **História e cultura Afro-brasileira na escola.** Ágere cooperação em Advocacy, 2008.

SALLES, Vicente. **O negro na formação da sociedade paraense.** Belém: Paka-Tatu, 2004

SILVA, Leonardo Dantas. “**Presença da África no carnaval de Recife**”, *in leitura*, São Paulo, 12 de fevereiro de 1994.





UNIVERSIDADE DO ESTADO DO PARÁ
CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E DA SAÚDE
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO FÍSICA

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

TÍTULO DA PESQUISA: CORPO E IDENTIDADE: A DANÇA NA COMUNIDADE QUILOMBOLA SÃO JUDAS TADEU NO MUNICÍPIO DE BUJARU/PA.

PESQUISADOR RESPONSÁVEL - RUBENS CLÁUDIO OLIVEIRA SOUSA E MARCELO FERREIRA FURTADO

JUSTIFICATIVA:

A sociedade vive em constante transformação, o que acaba modificando de forma significativa o modo de vida e a cultura de comunidades que a compõem. Nesse sentido, percebemos que as manifestações culturais de origem Afro-brasileira vêm perdendo sua originalidade, sendo até mesmo extintas das comunidades quilombolas, o que se torna preocupante pelo motivos dessas serem historicamente fundamentais para a sociedade negra de todo país. As pessoas mais idosas residentes no município de Bujaru comentam que em décadas passadas, a comunidade de São Judas Tadeu era reconhecida no município e regiões vizinhas por suas danças, e que não sabem o porquê dessas danças desaparecerem.

Geral

- Compreender os motivos que levaram a extinção de danças que faziam parte da identidade corporal dos quilombolas de São Judas Tadeu no município de Bujaru/PA segundo seus moradores mais antigos.

Específicos

- Identificar as danças que faziam parte da identidade corporal da comunidade quilombola de São Judas.
- Descrever como eram as danças praticadas na comunidade de São Judas em Bujaru/PA.
- Analisar os motivos que levaram a extinção dessas danças.

PROCEDIMENTOS DA PESQUISA:

A pesquisa será desenvolvida na comunidade Quilombola de São Judas Tadeu localizada no espaço rural do município de Bujaru/PA. Para tanto, será utilizado o tipo de estudo explicativo, em uma pesquisa de campo de abordagem qualitativa, com enfoque fenomenológico. Serão realizadas entrevistas semi-estruturadas com 10 pessoas idosas da comunidade, que responderão perguntas abertas sobre as danças que faziam parte da comunidade e o que pode ter ocasionado o desaparecimento desse marco cultural., além de fotografias e filmagem de alguns pontos importantes para a comunidade como: Igarapés, campo de futebol, sede onde acontecem festas, casa da associação dos moradores quilombolas, casa de farinha (ritiro) entre outros, quando autorizados pela presidente da comunidade e/ou quando houver algum evento significativo para a pesquisa. Os dados serão analisados através da análise de conteúdos.





Desconforto e Possíveis Riscos associados à pesquisa:

A presente pesquisa apresenta como desconforto o risco de constrangimento do sujeito no momento da entrevista. No entanto, este será minimizado, mantendo-se a identidade do mesmo em sigilo, sendo codificados os informantes.

BENEFÍCIOS DA PESQUISA: Divulgação da cultura afro-brasileira, especificamente a quilombola, à sociedade brasileira, buscando reforçar sua identidade cultural, e combatendo o preconceito contra o negro no Brasil.

MÉTODOS ALTERNATIVOS EXISTENTES: NÃO HÁ

Forma de Acompanhamento e Assistência:

Em caso de dúvidas, o informante poderá procurar o pesquisador Rubens Cláudio oliveira Sousa pelo telefone (91)87434090, e também na Rodovia P/A 140 KM 2 Bujaru/Pará ou Marcelo Ferreira Furtado pelo fone 88221177 na Rua Tancredo Neves Quadra:12 N° 66 Residencial Carmelândia Bairro: Mangueirão, bem como sua orientadora, profª M.Sc. Ana Paula de Mesquita Sampaio, pelo telefone (91) 81197233, Avenida João Paulo II, 780, apto 104, Marco.

Para maiores esclarecimentos, o informante poderá entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa do Curso de Licenciatura em Educação Física/UEPA na Avenida João Paulo II, nº 817, Marco, Belém PA 66.030-690 ou cedf_ce@yahoo.com.br.

ESCLARECIMENTOS E DIREITOS

Em qualquer momento o sujeito poderá obter esclarecimentos sobre todos os procedimentos utilizados na pesquisa e nas formas de divulgação dos resultados. Tem também a liberdade e o direito de recusar sua participação ou retirar seu consentimento em qualquer fase da pesquisa, sem prejuízo do atendimento usual fornecido pelos pesquisadores.

Confidencialidade e avaliação dos registros

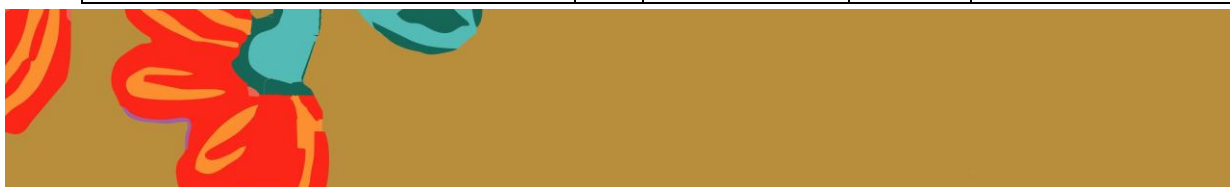
As identidades dos voluntários serão mantidas em total sigilo por tempo indeterminado, tanto pelo executor como pela instituição onde será realizada. Os resultados dos procedimentos executados na pesquisa serão utilizados somente para fins de pesquisa de Trabalho de Conclusão de Curso, podendo ser divulgados em palestras, conferências, periódico científico ou outra forma de divulgação que propicie o repasse dos conhecimentos para a sociedade e para autoridades normativas em saúde nacionais ou internacionais, de acordo com as normas/leis legais regulatórias de proteção nacional ou internacional.

RESSARCIMENTO DE DESPESAS E INDENIZAÇÕES: A presente pesquisa não acarretará em despesas para os sujeitos, bem como não fornecerá ressarcimento aos mesmos, pois é de exclusiva utilidade acadêmica, para fins de conhecimento.

Consentimento Pós-Informação

Eu, _____, portador da Carteira de identidade nº _____ expedida pelo Órgão _____, por me considerar devidamente informado(a) e esclarecido(a) sobre o conteúdo deste termo e da pesquisa a ser desenvolvida, livremente expresse meu consentimento para inclusão, como sujeito da pesquisa. Fui informado que meu número de registro na pesquisa é _____ e recebi cópia desse documento por mim assinado.

--	--	--	--	--





Assinatura do Participante Voluntário		DATA		Impressão Dactiloscópica (p/ analfabeto)
---------------------------------------	--	------	--	---

Assinatura do Responsável pelo Estudo

Data

GOVERNO DO ESTADO DO PARÁ
UNIVERSIDADE DO ESTADO DO PARÁ
CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E DA SAÚDE – CCBS
CURSO DE EDUCAÇÃO FÍSICA

ALUNOS: MARCELO FERREIRA FURTADO
RUBENS CLÁUDIO OLIVEIRA SOUSA

PROJETO DE PESQUISA PARA CONCLUSÃO DE CURSO

ROTEIRO DE ENTREVISTA

Identificação do entrevistado:

Sexo: () masculino () feminino

Idade: _____

Profissão: _____

Tempo que reside na comunidade: _____

Perguntas:

- 1- Para você, o que caracteriza esta comunidade enquanto quilombola?
- 2- Você acha importante preservar o que ainda resta de manifestação afro-brasileira nesta comunidade? Por quê?





- 3- Você chegou a conhecer ou participar de alguma dança que faz/ fazia parte dessa comunidade? Qual/Quais?
- 4- Descreva como eram essas danças e em que época eram praticadas.
- 5- Essas danças ainda são praticadas na comunidade? Se não, por que você acha que elas se acabaram?

